

FEMINISMO NEGRO NA LITERATURA ANGOLANA: UMA ANÁLISE INTERSECCIONAL NO DIÁRIO DE UM EXÍLIO SEM REGRESSO DE DEOLINDA RODRIGUES¹

Lindiana da Silva Oliveira²

RESUMO

O presente artigo aborda como tema “Feminismo Negro na Literatura Angolana: uma análise interseccional no *Diário de um exílio sem regresso* de Deolinda Rodrigues”. Apresenta como objetivo geral “Investigar como vida e obra de Deolinda Rodrigues podem contribuir para os estudos interseccionais de gênero”. Para tanto, os objetivos específicos são: levantar dados que comprovem que as ideias da autora eram confluentes com as do feminismo negro já naquele período das lutas anticoloniais; compreender como a vida e obra da autora podem contribuir para os estudos interseccionais de gênero. Como método, optou-se por utilizar uma pesquisa do tipo bibliográfica e documental. A análise dos dados será realizada a partir da obra da autora, *Diário de um exílio sem regresso* e de textos bibliográficos que subsidiarão esta pesquisa. Os principais resultados encontrados nessa investigação apontam para contribuições importantíssimas das obras de Deolinda Rodrigues para o feminismo negro levando em consideração a interseccionalidade de mulheres, negras e africanas. Por fim, pontuo a importância de inserirmos na academia mais pesquisas sobre autoras negras que ajudaram a construir a história de países africanos através da literatura e da sua existência.

Palavras-chave: Diário de um exílio sem regresso - Crítica e interpretação. Feminismo e literatura. Literatura angolana. Rodríguez de Almeida, Deolinda - Biografia.

ABSTRACT

This article discusses as a theme "Black Feminism in Angolan Literature: an intersectional analysis in Deolinda Rodrigues Diary of An Unreturned Exile". It presents as a general objective "To investigate how the life and work of Deolinda Rodrigues can contribute to intersectional studies of gender". For this, the specific objectives are: lift data that proves that the author started black feminism already in that period of anti-colonial struggles; understand how the author's life and work can contribute to intersectional gender studies. As a method, we chose to use bibliographic and documentary research. The analysis of the data will be carried out from the author's work, "Diary of an Exile Without Return" and bibliographic texts that will support this research. The main results found in this investigation point to very important contributions of The Works of Deolinda Rodrigues to black feminism taking into account the intersectionality of women, black and African. Finally, I stress the importance of inserting more research into the academy on black authors who helped build the history of African countries through literature and its existence.

Keywords: Angolan literature. Diary of an exile without return - Critique and interpretation. Feminism and Literature. Rodriguez de Almeida, Deolinda - Biography.

¹ Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado ao curso de Especialização Interdisciplinar em Literatura Africana de Língua Portuguesa, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Natalia Cabanillas.

² Graduada em Letras pela UESB- Universidade do Sudoeste da Bahia. Pós- graduada em Gênero, Diversidade e Direitos Humanos- UNILAB. Pós-graduada Interdisciplinar em Literaturas Africanas de Língua Portuguesa- UNILAB. Mestranda em Educação pela UFBA- Universidade Federal da Bahia- Salvador, Bahia. <https://orcid.org/0000-0001-7108-7914>.

1 INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como foco investigar como a obra, *Diário de Um Exílio Sem Regresso* de Deolinda Rodrigues³ pode contribuir para os estudos interseccionais de gênero. Esse diário foi organizado pelo irmão de Deolinda e que também fez parte do MPLA (Movimento Popular pela Libertação de Angola). Os escritos confeccionados no diário foram datados de 1956 a 1967.

Usualmente, as genealogias do pensamento e ação interseccional não contemplam autoras/ativistas africanas, principalmente porque uma boa parte delas não se auto definem como feministas de forma explícita. Ao mesmo tempo, os estudos sobre as independências africanas não enfatizam os debates de gênero que tiveram lugar no seu seio. Este trabalho não pretende enquadrar a Deolinda Rodrigues como feminista negra, sendo que ela não escolheu essa autodefinição de si; em câmbio, procuramos mostrar a confluência das suas ideias com as dos feminismos negros da diáspora, em particular, sublinhando o olhar interseccional da autora analisada.

Sendo assim, poetisa-militante, mártir da luta pela liberdade angolana, Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, conhecida como Deolinda Rodrigues, teve um papel crucial na literatura e na história de Angola. A partir de suas obras analisadas é possível perceber toda uma história de luta de resistência e também de identidade, pois remetem a vivência de uma mulher negra, africana que foi atravessada pelo machismo, sexismo e racismo em meio da luta pela libertação de seu país.

Por isso, pretendemos abordar o feminismo negro na literatura angolana a partir do *Diário de Deolinda* e das ideias de Carla Akotirene (2019) abordado em seu livro *Interseccionalidade* tendo como referência o conceito cunhado pela autora afro-estadunidense Kimberle Crenshaw (1989) sobre a noção de Interseccionalidade.

Nesse sentido, é de fundamental importância e relevância para os estudos literários e de gêneros, sobretudo, estudar obras de uma autora negra, sua história de vida em meio a colonização, e emergir a questão da memória social e cultural das mulheres negras que ajudaram a construir a história de um país. Este estudo vai

³ Nascida como Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida, em Cateste, Angola, era prima de Agostinho Neto, o primeiro presidente do país após a independência de Portugal. Recebeu a educação primária em escola missionária, recebeu bolsa de estudos da Igreja Metodista (1959) para estudar sociologia em São Paulo, no Brasil, onde morou por 1 ano e meio. Ainda quando era estudante do Liceu Salvador Correia, em Luanda, Deolinda Rodrigues Francisco de Almeida já se empenhava na luta política anticolonial na clandestinidade.

abordar conceitos que estão presentes na atualidade, principalmente, por se tratar também de opressões interseccionais que sofreu a autora. Por este motivo, este trabalho pretende levantar dados que comprovem que as ideias da autora eram confluentes com as do feminismo negro já naquele período das lutas anticoloniais; compreender como a vida e obra da autora podem contribuir para os estudos interseccionais de gênero, pois são questões importante para reconstruir as genealogias e contribuir a visibilizar autoras africanas.

Deolinda escreveu poemas e cartas baseadas em sua vivência em que experimentou o racismo e sexismo como combatente do MPLA- Movimento Popular pela Libertação de Angola para pôr fim ao regime colonial e foi detida e morta pela FNLA- Frente Nacional de Libertação de Angola, grupo de oposição ao MPLA no final dos anos de 1960. Relacionar a literatura com questões de gênero é de uma riqueza incalculável.

Para este estudo, utilizou-se a pesquisa bibliográfica e documental. Fez-se uma análise reflexiva crítica documental do livro *Diário de Um Exílio Sem Regresso*, observando as categorias de raça, gênero, classe social e interseccionalidade que aparecem na obra. No segundo momento, atentou-se para o problema que desejava investigar; como a obra o *Diário de Um Exílio Sem Regresso* de Deolinda Rodrigues pode contribuir para os estudos interseccionais de gênero? Foi utilizado como recurso metodológico, a análise de conteúdo do diário a partir da narrativa da autora estudada em consonância com os textos teóricos bibliográficos das autoras Kimberle Crenshaw (1989, 2002), Akotirene (2019) para compreendermos melhor as confluências entre as escrituras de Deolinda e o feminismo negro na corrente interseccional.

Por fim, serão apresentados os resultados da pesquisa e as considerações finais.

2 REVISÃO DE LITERATURA

Os pressupostos conceituais são de suma importância, uma vez que vão subsidiar todo o processo de compreensão para entendermos alguns conceitos que abordamos na pesquisa. Dessa maneira, abordar questões do feminismo negro na perspectiva interseccional é o que fará sentido para análise do diário de Deolinda Rodrigues.

Akotirene (2019) nos oferece um suporte epistemológico imprescindível, refletindo sobre a importância do pensamento interseccional para os estudos de gênero. Segundo a autora, “Indo ao encontro da reflexão epistemológica de Patrícia Hill Collins, feminista negra estadunidense, considero a interseccionalidade como um “sistema de opressão interligado” (AKOTIRENE, 2019, p.15). Com efeito, a interseccionalidade é sugerida como um sistema que oprime concomitantemente variadas situações negativas sobre uma pessoa, nesse caso, especialmente as mulheres negras. Pois, é sabido que vivemos em uma sociedade racista, machista e patriarcal que não valoriza as mulheres e quando falamos em mulheres negras a desvalorização é ainda maior, pois elas vivem à margem da sociedade sem muita perspectiva de ascensão, social, econômica e cultural.

Embora a autora Carla Akotirene (2019) mencione que há anos já se tinha uma ideia do que seria a interseccionalidade, não poderei deixar de citar a autora que cunhou o termo tal qual conhecemos hoje. O conceito de interseccionalidade foi posto pela primeira vez pela feminista estadunidense Kimberlé Crenshaw em seu artigo publicado em 1989. Assim, Crenshaw (2002) define a metodologia interseccional da seguinte maneira,

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (CRENSHAW, 2002, p.177).

Ou seja, foi preciso pensar em algo mais específico que contemplasse as mulheres de cor e por isso a corrente do feminismo negro foi muito importante para essas mulheres, pois essa corrente veio dar nome as várias opressões em que vivem as mulheres negras. Nesse sentido, muitas delas se identificaram, pois se viram oprimidas por questões da raça, gênero e classe social. Perceberam que por serem mulheres negras não tinham as mesmas oportunidades que as mulheres brancas. Essa corrente veio alavancar os estudos sobre as pressões sociais a que são submetidas as mulheres negras.

À vista disso que pontuo sobre Deolinda Rodrigues, pois nos anos em que ela viveu, experimentou essas opressões sociais, especialmente de raça e gênero. Por

isso, Akotirene (2019) traz alguns questionamentos acerca das mulheres negras e sobre a importância da interseccionalidade para elas. Assim,

Dentre estas práticas, costumam usar a interseccionalidade como correspondente às minorias políticas ou à diversidade, chegando mesmo a questionar a agência da mulher negra, como se encruzilhada fosse tão somente o lugar da decisão da vítima: levantar-se ou continuar caída? Sentir ou não as feridas da colonização? É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2019, p. 17).

Percebemos que a autora enfatiza sobre a interseccionalidade que parte sobretudo do coração da mulher negra, pois é ela que sofre com a maioria das opressões sociais da atualidade.

Para esta pesquisa, trago o conceito de *Escrevivências*, considere importante neste estudo, pois parte de uma experiência partilhada entre viver e escrever. Considera a vivência de cada pessoa e como cada uma enfrenta e lida com as situações do cotidiano. Este termo foi utilizado pela primeira vez pela escritora Conceição Evaristo. Em *Insubmissas Lágrimas de Mulheres* (2011) ela descreve um pouco o que seria escrevivência.

O real vivido fica comprometido. E, quando se escreve, o comprometimento (ou não comprometimento) entre o vivido e o escrito aprofunda ainda mais o fosso. Entretanto, afirmo que, ao registrar estas histórias, continuo no premeditado ato de traçar uma ESCREVIVÊNCIA (EVARISTO, 2011, p. 9).

Finalmente, considero de muita relevância ressaltar que este estudo é baseado na análise interseccional do diário de Deolinda, ou seja, embora muitos trechos e poesias da autora pesquisada em questão aparecem em artigos como o da Larissa Souza (2017), Margarida Paredes (2010) e Patrício Batsíkama (2020), nenhum deles foca em sinalizar o pensamento de Deolinda para uma análise interseccional. O artigo de Larissa Souza (2017) reflete na militância política e do protagonismo de Deolinda na luta pela independência de Angola. O artigo de Margarida Paredes (2010) faz uma análise voltada à religião à qual pertencia a poetisa, ela faz uma relação entre a família metodista e a família MPLA, como os dois mundos estavam interligados na vida de Deolinda. Patrício Batsíkama (2020) analisa o poder do feminino em relação ao poder hegemônico masculino e coloca Deolinda como heroína do povo angolano.

Seguindo essa premissa, trago também para esta pesquisa o conceito de gênero pontuado por Joan Scott (1990, p. 34) gênero surge como categoria de análise

e se baseia na relação entre duas proposições: "gênero tanto é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, quanto uma maneira primária de significar relações de poder". Nessa perspectiva, o conceito de gênero está estreitamente relacionado a construções sociais baseadas nas diferenças percebidas dos sexos homem/mulher e também nas relações de poder, por isso, refletindo sobre a sociedade colonial angolana onde viveu a autora Deolinda Rodrigues, a sociedade já era formada por um sistema em que as mulheres não tinham poderes, a relação era sempre do homem superior as mulheres e principalmente as mulheres negras.

3 LANGIDILA E SUAS ESCRIVÊNCIAS

Deolinda Rodrigues nascida em 10 de fevereiro de 1939 tinha como nome de guerra Langidila/Kama-K Angola, passou por várias experiências quando estava no MPLA, e por esse motivo, seus escritos tornaram-se relatos da sua vivência durante o período em que esteve à frente na guerra de independência de Angola. O nome de guerra teve como objetivo não ser identificado nas ações clandestinas, e seus próprios colegas de partido nem sempre souberem sua verdadeira identidade. Os relatos apresentados por Langidila no livro *Diário de um exílio sem regresso* (Rodrigues, 2003) foram exatamente os momentos do dia a dia em que ela misturou poesia, história de vida e os momentos durante a guerra.

Em seu diário do dia 28 de dezembro de 1962, percebe-se uma certa melancolia retratada pela autora em ter que aguentar o Reverendo Silva que ela o caracterizava como chato e atrevido, quase abusador. Ou seja, a autora expõe sua condição de ser mulher e que tinha que aguentar homens machistas, pois já denota a função que a impuseram. Importante ressaltar que, o reverendo Silva era pastor metodista e por isso Deolinda tinha uma relação cristã com ele, pois ambos eram da família metodista que juntos formaram o movimento do MPLA.

Agravou-se a chatice do passaporte. Vou dar o fora. Oxalá o Mário d' Andrade⁴ consiga tirar-me daqui. Passei as férias a atender os telefonemas

⁴ Mário Pinto de Andrade foi um incansável lutador pela independência do seu povo o que o levou a primeiro presidente do MPLA. Forçado ao exílio, em 1974, por questionar a ditadura do partido único imposta pelo MPLA, militando na Revolta Activa, Andrade inicia um périplo pelo mundo que só termina com a sua morte 15 anos depois.

dele no hotel e a atender o Reverendo Silva⁵, chato e atrevido, quase abusador (RODRIGUES, 2003, p. 40).

Ao lermos o diário de Langidila podemos observar que história de vida, literatura e a história de um país são contadas e entrelaçadas em cada página do diário. Vida, história e literatura se imbricam de forma a contar sobre a história de um país através dos olhos de uma mulher que experimentou o racismo e o sexismo e por ter bastante contato com homens brancos e também negros, tanto é que ainda no dia 22 de fevereiro de 1964 ela escreve sobre a iancada (agentes estaduais e assassinos da personalidade humana do africano, descrição feita por ela a alguns colegas de luta quando ocorreu a crise dentro do MPLA) ser racista, ou seja, todo o imperialismo, racismo e exploração foi observado por Deolinda que retratou sobre isso. “A iancada está a deixar cair a máscara da face e mostrar todo o seu imperialismo, racismo e exploração” (RODRIGUES, 2003, p. 49).

Para a autora, o diário era como se fosse seu amigo íntimo em que pudesse contar coisas que se passavam em sua cabeça e refletia sobre elas, embora estivesse completamente comprometida com as causas do MPLA não deixava de fazer suas duras críticas as situações negativas vivenciadas por ela e como os homens brancos ou negros as tratava. Nesse sentido, pontuo sobre o que Carla Akotirene reflete sobre as condições estruturais, o racismo e sexismo que discriminam as mulheres negras,

Desde então, o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras (AKOTIRENE, 2019, p. 35).

Ser uma mulher negra conferiu a Deolinda o primeiro lugar na discriminação, pois os homens companheiros de luta a discriminavam pelo seu sexo. Os colonizadores a discriminavam pelo seu sexo e cor. Langidila conviveu com essas violências e nada podia fazer a não ser escrever suas impressões e continuar sua luta pela independência de Angola. Dessa maneira, Akotirene (2019, p. 28) pontua mais uma vez sobre o pensamento interseccional; “O pensamento interseccional nos leva

⁵ Reverendo Domingos da Silva, pastor metodista, 2º. Vice-presidente do MPLA- Movimento Popular pela Libertação de Angola.

reconhecer a possibilidade de sermos oprimidas e de corroboramos com as violências”.

Com isso, demonstra que a autora refletia sobre o feminismo negro já naquele período em que nem se pensava nessas discussões. Por isso, reflito a luz das ideias de Akotirene (2019) quando ela aponta que o feminismo negro faz uma ponte entre várias opressões. O feminismo negro dialoga concomitantemente entre/com as encruzilhadas, digo, avenidas identitárias do racismo, cisheteropatriarcado e capitalismo” (AKOTIRENE, 2019, p. 16).

Para comprovar esta observação, no dia 04 de abril de 1964 Rodrigues faz um desabafo em seu diário sobre ser mulher e preta e como os homens a veem. Pois, dentro do seu partido ela é encorajada a se casar, cozinhar, etc. e ante os colonialistas é tratada como prostituta. Deolinda rejeita ambos estereótipos. E nesse sentido, percebe-se que o “eles” a quem ela se refere no texto é relacionado aos colonialistas que veem as mulheres negras como prostitutas dos brancos. Nesse trecho ela pontua: "Pra eles, eu como toda preta, somos simples prostitutas, caídas plos brancos (...)" (RODRIGUES, 2003, p. 52).

Por mais que Deolinda estivesse ali combatendo com seus companheiros de luta, os homens nunca a viam como igual por ser mulher. Na realidade, aceitaram sua ajuda no MPLA por ser engajada e por ter conhecimentos de várias línguas e estratégias de luta, mas na verdade, a queriam casada e com filhos, segundo seus relatos. Ela desabafava sobre isso em seu diário, pois sentia que ela estava atada às amarras do patriarcado, que a queria ver se dedicando à vida doméstica. Ela cita um de seus companheiros de luta o Charlie Edwin que só fala em planos de casamentos, mas ela retruca quando cita uma frase em kimbundu “Kum bolo iami” que significa, meu pão é meu trabalho, evidenciando mais uma vez que não precisa ser sustentada por um marido, mas com seu trabalho poderá sustentar- se. Assim,

Charlie Edwin só fala em planos de marriage. Mas se estou velha, kum bolo iami⁶. Ninguém pode obrigar-me a casar. Ao diabo com os favores e jeitos casamenteiros deles! É estranho que enquanto há aí tanta mulher que faz o que quer com a sua vida, a mim querem fazer crer que ficar solteira é penoso,

⁶ Tradução feita por Francisco Domingos Kiosa. Angolano falante da língua kimbundu. Se caracteriza como um ditado popular utilizado para se posicionar diante uma situação.

vergonhoso ou diabo. Pra mim é excelente e não há razões para enforcamento (RODRIGUES, 2003, p. 52).

Observando esta última frase da autora ela coloca o termo enforcamento, entrelinhas, considero opressão por ser mulher vivendo no mundo dos homens em que o machismo era intenso e o sistema patriarcal que ajuda nessa construção social de que por ser mulher deve estar casada. Ela já se opõe ao sistema patriarcal quando relata que para ela é excelente ser solteira, mas que para muitos é algo vergonhoso, penoso. Percebe-se enfaticamente como a pressão social sobre Deolinda era grande, primeiro por ser mulher que deveria estar dentro de casa casada e não em guerras, viajando ou sendo um quadro político, segundo por ser negra, os colonialistas a viam como algo sem valor e sendo hipersexualizada, já que sua atuação política é interpretada como prostituição, terceiro por ela gostar de política e se dedicar a querer melhorar sua vida e de seu país.

Seguindo essa análise, pontuo novamente o que Akotirene (2019) traz em seu texto sobre as práticas exercidas sobre as minorias, principalmente a mulher negra.

Dentre estas práticas, costumam usar a interseccionalidade como correspondente às minorias políticas ou à diversidade, chegando mesmo a questionar a agência da mulher negra, como se encruzilhada fosse tão somente o lugar da decisão da vítima: levantar-se ou continuar caída? Sentir ou não as feridas da colonização? É da mulher negra o coração do conceito de interseccionalidade. (AKOTIRENE, 2019, p.17)

As palavras de Akotirene remetem ao feminismo negro na corrente da interseccionalidade, que aponta que para a mulher negra é a base para entendermos várias encruzilhadas impostas pela sociedade, pois a mulher enfrenta discriminação de raça, classe e de gênero.

Outro relato bastante pertinente do dia 30 de junho de 1964, “Disseram- me que não vou já para Gana porque sou mulher e o Barden⁷ não respeita as senhoras. Esta discriminação só por causa do meu sexo. revolta-me” (...) Rodrigues, 2003, p. 57). Gana foi o primeiro país a se independizar em 1957 da África subsaariana e um grande polo panafricanista, liderado por Kwame Nkrumah. Essa passagem relata o

⁷ Barden- Doutor Conselheiro Privado Kwame Nkrumah (Nkroful, 21 de setembro de 1909 — Bucareste, 27 de abril de 1972) foi um líder político africano, um dos fundadores do Pan-Africanismo. Foi primeiro-ministro entre 1957 e 1960 e presidente de Gana de 1960 a 1966.

dia do encontro do MPLA com Barden para definir os próximos passos para a independência de Angola.

Com esse fragmento percebe-se perfeitamente a discriminação e o machismo impregnados na sociedade colonial angolana nos anos de 1960. Ressalto o que Crenshaw a autora que cunhou o termo interseccionalidade aborda em seu texto *A Interseccionalidade na Discriminação de Raça e Gênero* (2002), o momento em que foi discriminada apenas pelo sexo, pois como mulher não deveria entrar pela porta da frente em uma universidade, mas deveria entrar pelas portas dos fundos, deixando evidente todo o preconceito e discriminação as mulheres.

Chegou o dia, caminhamos até a porta da frente da agremiação e tocamos a campainha. Nosso colega negro abriu a porta e saiu muito envergonhado, muito sem jeito. Então ele disse: “Estou muito constrangido, pois esqueci de dizer que vocês não podem entrar pela porta da frente”. Meu colega imediatamente retrucou: “Bem, se não pudermos entrar pela porta da frente, não vamos entrar. Não vamos aceitar qualquer discriminação racial”. O colega anfitrião esclareceu: “Não é uma questão de discriminação racial. Você pode entrar pela porta da frente. A Kimberle é que não pode, porque ela é mulher” (CRENSHAW, 2002, p.1)

Como afirma Akotirene (2019), há muito tempo as mulheres negras invocam a interseccionalidade, “Há mais de 150 anos, mulheres negras invocam a interseccionalidade e a solidariedade política entre os Outros” (AKOTIRENE, 2019, p. 18). As obras de Deolinda Rodrigues evidenciam um entendimento interseccional das opressões, incluindo a questão de gênero, embora o MPLA dificilmente reconhecesse a questão da opressão feminina, e se centrasse em priorizar a luta nacionalista contra o colonialismo. As obras de Deolinda Rodrigues, como o pensamento e ação de muitas mulheres negras e/ou africanas, não estão visibilizadas nas genealogias do pensamento interseccional, e este artigo quer contribuir para visibilizar essa contribuição.

Pelos escritos da autora, percebe-se que ela queria apenas ser tratada como igual e que não houvessem tanta discriminação, pois além de sofrer por querer ser uma mulher livre, sofreu com o racismo que a todo tempo a colocava como uma figura desumanizada. Deolinda foi muito à frente do seu tempo, questionava para si mesma aquela estrutura patriarcal e racista que condenava homens negros e condenava ainda mais mulheres negras. A todo momento seus companheiros de luta a colocavam no lugar de mulher que deveria se casar.

No dia 11 de setembro de 1964 ela questiona mais uma vez sobre o racismo e chega à conclusão de que ser branco é ter privilégios, vida confortável, enquanto ser negro é viver na subalternização. Importante frisar que ela está elaborando a relação entre racismo e classe social. Mais uma vez ela vem questionar sobre o racismo que é um sistema de opressão e dominação. Djamila Ribeiro⁸, o define como sistema de opressão que nega direitos (RIBEIRO, 2019). “O Belga Bossier tem razão: o que faz a diferença entre os pretos e não pretos não é a cor da pele. São as facilidades, o bem estar, os privilégios, a vida confortável e fácil de burguês. É contra isto que devemos estar alerta” (RODRIGUES, p. 63).

Portanto, no diário de Deolinda Rodrigues podemos encontrar várias passagens que remetem ao racismo, sexismo, sistema patriarcal e que deixavam a autora por vezes inquieta. Por isso, no dia 12 de setembro de 1964 ela escreveu em seu diário sobre o sistema social e econômico daquele período. Como Deolinda era uma mulher ciente do seu papel no mundo, ela perpassou por vários ambientes e pôde observar exatamente como que a estrutura da sociedade estava formada, percebeu que a estrutura excluía pessoas negras. “O erro não está na cor na pele. O mal está nesta podridão social e econômica, no bem estar, no conforto burguês” (RODRIGUES, p. 63).

Na composição do diário há quatro poemas escritos por Deolinda Rodrigues, dentre esses quatro, dois poemas denotam que ela já vivia opressões pelas situações vivenciadas. Os poemas; *Mamã e Inquirindo*.

No poema *Mamã* percebe-se uma angústia da autora em relatar sobre ser oprimida, ela clama a Mãe África que não se junte ao opressor, ao amigo do opressor. Essa passagem confirma mais uma vez que Deolinda sabia exatamente quais situações a deixavam oprimida, e por isso, ela suplica à mãe África para não ser asfixiada, suprimida com as pressões da luta na guerra, pela pressão de ser mulher, negra, angolana, africana.

(...) Sou Angola, a tua Angola.
Não te juntes ao opressor
ao amigo do opressor

⁸ Djamila Ribeiro que tem uma contribuição muito importante no livro de Carla Akotirene (2019), a filósofa e escritora denuncia sobre a problemática do racismo enquanto um sistema de dominação e opressão que violenta homens e mulheres negras, e por este motivo, ela pontua a importância do pensamento interseccional para esse grupo.

nem a teu filho bastardo (...)
 (...) Mamã África
 que dás força ao irmão bastardo
 para asfixiar-me
 azagaiar-me pelas costas.
 O opressor, o amigo do opressor
 o teu filho bastardo
 (também tu, Mamã África?)
 divertir-se-ão
 ao ouvir-me expirar (...).
 (RODRIGUES, 2003, p. 241)

No poema *Inquirindo* há um tom de desabafo em relação a ela ser mulher na política, foi nesse momento que Deolinda Rodrigues percebeu que o MPLA estava passando por uma crise interna e que havia uma rachadura entre os membros do movimento. Assim, logo nos primeiros versos ela faz um desabafo sobre seus colegas de luta que já pensavam em se unir ao FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), cujo movimento foi responsável pela morte de Deolinda Rodrigues. Então, a etiquetaram de prostituta, mulher metida em política. Com certeza, ela ouvira essas palavras diariamente durante a guerra. Em suma, os poemas de Deolinda tinham um caráter combatente social que se imbrica com sua luta e vida diária. Nesse poema ela se pergunta quando será o fim desse pesadelo.

Carrascos de upistas⁹,
 espia de tugas
 prostituta
 mulher metida em política
 aqui estou etiquetada disso
 inquirindo o fim deste pesadelo
 inquirindo (...)
 (RODRIGUES, 2003, p. 243)

Por fim, estes poemas analisados inseridos em seu diário confirmam que no período colonial a escritora foi atravessada por muitos momentos desafiadores, no seio do movimento MPLA junto com os seus companheiros de luta, no meio de um regime de supremacia branca que a chamava de prostituta. Enfim, resistiu o quanto pôde, lutou e morreu com esperança de dias melhores para si e para seu país Angola.

⁹ UPA (upistas)- União dos Povos de Angola, organização que depois se une ao FNLA, que é o grupo que a aprisiona e mata quando estava atravessando o norte de Angola, vindo desde o Congo.

3.1 BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE AS QUESTÕES DE GÊNERO E INTERSECCIONALIDADE NA ESCRITA DE DEOLINDA

No contexto atual, principalmente, na academia, há várias discussões acerca do estudo de gênero e interseccionalidade. Dessa forma, para entendermos melhor o contexto em que colocamos a autora que viveu de 1939 a 1967 e já iniciava uma ideia do feminismo negro, pontuamos algumas reflexões sobre gênero e interseccionalidade, uma vez que poucas mulheres tiveram sensibilidade de questionar sobre o ser mulher em uma sociedade machista e patriarcal, sobretudo, frente a urgência que significava lutar contra a dominação colonial. Deolinda Rodrigues foi essa precursora que antes mesmo dessas questões chegarem à academia e na sociedade ela já pontuava, questionava sobre o ser mulher, sobre as obrigações, pressões que a sociedade angolana e várias outras em que ela teve contato exerciam sobre a mulher, especialmente, sobre ela que se recusou a viver os moldes da sociedade patriarcal. Como já é sabido, Deolinda queria ser uma mulher livre, não aceitava ser colonizada, casar-se, ter filhos e passar o resto da vida cuidando de marido e filhos. Nessa questão, ela foi contundente, pois questionava sobre o destino da mulher ser somente esse. Ela achava isso deplorável, pois ela mesmo vivenciou várias vezes a discriminação por ser mulher e negra a frente de uma guerra que ela acreditava. No entanto, embora fosse atravessada por tantas discriminações ela estava sempre à frente para ajudar seu país a ser livre e independente. Acredito que era isso também que ela almejava para todas as mulheres. Que assim como seu país fosse livre, as mulheres também pudessem ser. Pudessem escolher se queriam casar, ter filhos, estudar ou fazer o que quisessem com suas vidas. Enfim, Deolinda ao experimentar o sexismo pensava sobre o papel da mulher naquele período, com suas viagens por vários países e contatos com vários homens foi percebendo todas essas discriminações em relação à mulher, principalmente, a mulher negra, que menos espaço tinha para serem livres e independentes. A autora em questão era bastante observadora que pontuava em seus escritos toda a violência de gênero, raça e classe que presenciava em suas viagens e pelos contextos em que ela estava inserida.

Com tudo isso, já direcionava para questões importantes na sociedade que só emergiram agora no século XXI. Deolinda já tinha um enfoque interseccional, ela mesma foi vítima por ser uma mulher de cor e com classe social abaixo dos brancos.

Ela já percebia como a exclusão da mulher preta na sociedade era tão presente. Por este motivo, o conceito de interseccionalidade criado por Kimberle Williams Crenshaw em 1989 é tão importante nesse contexto, pois vai trazer à tona discussões que por muito tempo foi ignorado, da mulher sofrer discriminações concomitantemente e não separadamente como apontavam alguns estudos. Por isso também, considero importantes as ideias de Akotirene (2019) que aborda que não há hierarquia de opressões, mas que ocorrem simultaneamente; “A interseccionalidade impede aforismos matemático hierarquizantes ou comparativos” (AKOTIRENE, p. 27). Dessa maneira, há um direcionamento que as mulheres negras sofreram e ainda sofrem exclusões, discriminações por serem mulheres de cor e por isso, vivem à margem da sociedade sem muita expectativa de ascensão social, intelectual e econômica. Deolinda questionou muito sobre isso em seus escritos, provando que desde tempos passados a mulher negra deveria resistir, lutar por um lugar não subalterno na sociedade. E por ela ser uma mulher estudada e combatente, provou com sua própria vida que a mulher negra embora seja excluída de vários setores da sociedade ela pode estar e ser o que ela quiser. Ela soube se impor e conquistar seu espaço frente a luta pela libertação de Angola. Portanto, concluo em comum acordo com Akotirene (2019); “A interseccionalidade pode ajudar a enxergarmos as opressões, combatê-las, reconhecendo que algumas opressões são mais dolorosas” (AKOTIRENE, 2019, p. 56).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao finalizar este estudo conclui-se que os relatos do *Diário um exílio sem regresso* feitos por Deolinda Francisco Rodrigues contribuem de forma significativa para as teorias do feminismo negro na vertente interseccional, uma vez que a poetisa-militante menciona por várias vezes as opressões sociais em que estava exposta.

A questão de partida que foi investigar como a obra *Diário de Um Exílio Sem Regresso* de Deolinda Rodrigues pode contribuir para os estudos interseccionais de gênero? foi respondida através dos relatos produzidos cronologicamente do cotidiano de uma poetisa-combatente que pontuou momentos diários do que estava vivenciando junto ao MPLA e de como ela sentia-se a cada discriminação de raça, gênero e classe social.

Para tanto, os objetivos específicos: levantar dados que comprovem que as ideias da autora eram confluentes com a do feminismo negro já naquele período das lutas anticoloniais; compreender como a vida e obra da autora podem contribuir para os estudos interseccionais de gênero. Foram contemplados na medida em que, foi possível reunir dados na escrita do diário que remetiam ao feminismo negro e conseqüentemente compreende-se que vida e obra de Deolinda estavam embricadas e direcionavam para uma análise interseccional de gênero e raça, e pontualmente, considerando também classe social.

Portanto, deve-se reconhecer a importância da escrita de um diário que pontua coisas importantes e íntimas da autora que sofreu sozinha pressões, discriminações, preconceitos concomitantemente durante as lutas pela independência de seu país e morreu com apenas 28 anos. Em suma, o diário escrito por ela traz muitas contribuições, não só para o feminismo negro, mas outras análises pertinentes a vida, obra, contexto social da autora.

Referências

AKOTIRENE, Karla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BATSÏKAMA, Patrício. **Poder no feminino. Caso da Deolinda Rodrigues “Langidila”**. Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Educação. Campus II- Alagoinhas. Revista África (s). V. 7 nº. 13. Dossiê: Angola do Tempo Presente. Ano 2020.

CRENSHAW, Kimberlé. **A interseccionalidade na discriminação de raça e gênero**, 2012. Disponível em: < <http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf> > Acesso em: 03 dezembro, 2022.

CRENSHAW, Kimberlé. **Desmarginalizando a intersecção entre raça e sexo**: uma crítica feminista negra da doutrina da antidiscriminação, da teoria feminista e da política antirracista [“Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: a Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”], Baptista, M. M. & Castro, F. (Org.), Gênero e Performance: Textos Essenciais 2. Coimbra: Grácio Editor, 2019/1989.

CRENSHAW, Kimberlé. **Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/mbTpP4SFXPnJZ397j8fSBQQ/abstract/?lang=pt>. Acesso em 19 janeiro 2022.

EVARISTO, C. **Insubmissas lágrimas de mulheres**. 2. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2016.

PAREDES, M. **Deolinda Rodrigues, da Família Metodista à Família MPLA, o Papel da Cultura na Política**. Instituto Universitário de Lisboa. Cadernos de Estudos Africanos, 20/2010.

PAREDES, Margarida. **Combater duas vezes: mulheres e luta armada em Angola**. Porto: Verso da História, 2015.

RIBEIRO, Djamila. **Quem tem medo do feminismo negro?** São Paulo: Cia. das Letras, 2018.

RODRIGUES, Deolinda. **Diário de um exílio sem regresso**. Luanda, Nzila, 2003.

SOUZA, Larissa. **Militância, escrita e vida: a poesia de Deolinda Rodrigues**. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cpa/a/wnx56bs93NLRQkV4SRBfsHj/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 19 janeiro de 2022.

SCOTT, Joan W. **Prefácio um gênero e política da história**. Campinas/SP, 1994.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil para a análise histórica**. Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990.